

AS CONFISSÕES VERDADEIRAS DE UM TERRORISTA ALBINO

Foi uma experiência intensa ter o privilégio de estar presente em Lisboa, há alguns meses atrás, na encenação e adaptação das minhas memórias da prisão “As Confissões Verdadeiras de um Terrorista Albino”.

Encontrava-me ansioso com a perspectiva de ser confrontado com esta dolorosa parte do meu passado, particularmente em relação a Lótus Dourado, a minha mulher, que me acompanhou nesta provação, agora ao meu lado.

A memória ainda se encontra negra e manchada pela inumanidade e indignidade da altura. Claro que os acontecimentos antes e depois mostraram o quão perdidos estamos e quão desesperadamente cruel o homem pode ser para o homem.

O mundo que construímos não é um lugar amistoso... E a minha outra ansiedade relacionava-se com o facto de não saber se um texto escrito a partir da escuridão, física e mental, e da privação, construído essencialmente sob a forma de uma “interrogação interior”, poderia alguma vez ser adaptado com sucesso às exigências do palco.



Como o iriam visualizar? Como poderiam dividir num murmúrio de múltiplas vozes o que foi falado numa só mente e mesmo então de boca fechada?... Fiquei abismado. Sob a direcção meticulosa e arrojada de Rogério de Carvalho, os actores encarnaram não só fielmente esse espaço e tempo kafkianos, mas também o ampliaram enquadrando-o numa espécie de lamento dos horrores da condição humana que todos partilhamos.

O espectador é arrastado, enfeitiçado, para uma dimensão ritual quase sem cenário que atenua a escuridão e onde só existem fragmentos de banda sonora.

Somos confrontados com a pura vulnerabilidade humana, com os caminhos profundos pelos quais estamos todos ligados e somos todos semelhantes, mas também pelo inextinguível instinto de continuar a lutar pela justiça e dignidade. Mesmo que só para “falhar melhor”...

Inclino-me perante vós em gratidão, camaradas na luta!

Dezembro 2014, Breyten Breytenbach